nara roesler

50

# o outro

curadoria vik muniz

quinta exposição do ciclo
de mostras em celebração
aos 50 anos de atuação de
nara roesler como galerista

**nara roesler new york**
**abertura** 5 de novembro
**exposição** nov 2026–jan 2027

nara roesler

50

“De 1976 a 2026, de Recife a São Paulo, Rio de Janeiro, Nova York, Paris, Londres ou Hong Kong, Nara Roesler construiu uma cartografia simbólica marcada por transformar periferias em centro, resgatar artistas e revelar novos talentos.

Para comemorar sua trajetória, a galerista ativa seus espaços em São Paulo, Rio de Janeiro e Nova York com exposições coletivas temáticas, em diálogo com curadores convidados como Moacir dos Anjos, Agnaldo Farías, Magali Arriola, Vik Muniz, Ariel Jimenez e Bernardo Mosqueira.

As mostras abordam eixos centrais de sua trajetória: o diálogo com a arte brasileira além dos polos dominantes, o apoio a nomes históricos, o investimento na abstração, a abertura ao contemporâneo internacional e a ampliação da presença global da arte brasileira.”

**—Luís Pérez Oramas**

# excedente de visão
vik muniz

Você nunca viu o próprio rosto. Tudo o que sabe dele chegou por delegação: uma superfície polida, uma fotografia, um retrato, a expressão no rosto de outra pessoa enquanto você falava. A nuca pertence inteiramente aos outros. E neste momento, atrás de você, há um horizonte — uma parede, uma janela, uma rua — perfeitamente visível para quem estiver do outro lado da sala e permanentemente indisponível para você. Você passará a vida inteira no único ponto de vista a partir do qual não pode ser visto.

Há cem anos, numa cidade provinciana da Rússia, Mikhail Bakhtin deu nome a esse arranjo. Chamou-o de *excedente de visão*: cada um de nós dispõe de um excedente sobre todos os outros, e todos os outros dispõem de um sobre nós. Eu vejo a parte de você que você não pode ver; você vê a parte de mim que eu não posso. Não estava descrevendo empatia, nem boa educação. Estava descrevendo geometria. A consequência é que ninguém se completa por conta própria — o acabamento só pode ser entregue de uma posição que não se é capaz de ocupar. E a atividade estética, argumentava ele, é exatamente a ocupação deliberada dessa posição: o autor está para a obra como o outro está para mim, do lado de fora, vendo aquilo que ela não consegue ver de si mesma. A esse lugar ele deu o nome de *exotopia*.

Se isso procede, o Outro não é um tema que o artista possa eleger ou dispensar. É o instrumento de trabalho. Para fazer qualquer coisa é preciso abandonar a própria posição e olhar para a coisa a partir de um lugar onde não se está; e no instante em que a obra fica pronta, ela se volta e nos encara como algo que já não é nosso. Duchamp disse a segunda metade disso sem rodeios, em 1957: quem fecha o circuito não é o artista, é o espectador. Todos os artistas destas salas passaram a vida profissional ensaiando uma forma pequena e técnica de autoexílio.

Esta exposição começa aí, e só depois viaja para fora. Seus artistas nasceram em continentes diferentes, em línguas diferentes e — o que pesa mais do que as duas coisas — em séculos diferentes de pressupostos sobre para que serve uma imagem. Não têm programa comum, nem manifesto, nem geração. Reuni-los sob a bandeira da alteridade cultural seria confundir a prova com o argumento. O que compartilham é a operação; o que os distingue é o método pelo qual cada um instala o outro dentro da obra. Alguns inventam um espectador e endereçam o trabalho a essa invenção. Outros entregam a autoridade a um material, ou ao acaso, e se tornam os primeiros espectadores do próprio procedimento. Outros ainda trabalham deliberadamente num idioma emprestado, falando uma língua visual com um sotaque que se recusam a perder. A variedade nestas paredes não é um levantamento de origens. É um conjunto de respostas a uma pergunta que ninguém lhes fez.

Vale notar onde estamos enquanto a fazemos: uma galeria brasileira numa rua de Nova York, uma instituição que é ela mesma uma estrangeira residente. A sala tem sotaque. A formulação de Julia Kristeva é a mais útil aqui — o estrangeiro não espera na fronteira; ele é a parte de nós que ainda não reconhecemos. A exposição não pergunta a esses artistas de onde eles vêm. Pergunta o que cada um teve de se tornar para poder trabalhar.

**capa**
Vik Muniz, *Vik (Pictures of magazine series)*, 2003/2006 [detalhe]

Carlito Carvalhosa
*Sem título (P93/11)*, 2011
tinta óleo, espelho e vidro
70 x 50 cm

Tomie Ohtake
*Sem título*, 1962
tinta óleo sobre tela
85,5 x 50 cm

Vik Muniz
*Vik (série Imagens de revista)*, 2003/2006
impressão jato de tinta em papel archival
edição de 6 + 4 PA
duas peças de 69,1 x 50,8 cm (cada)

Cao Guimarães
*Retroatos #01*, 1998/2016
impressão jato de tinta
sobre papel de algodão
edição de 3 + 2 AP
20 peças de 49,3 x 32,2 cm (cada)

Antonio Dias
*Black Mirror*, 1968
madeira e fórmica
30 x 22,2 x 5,5 cm

Marco A. Castillo
*Nosotros/Sin Usted*, 2021
papel aglutinado revestido com couro sintético
8 peças de 28,5 x 22 x 2 cm (cada)

NOSOTROS

Heinz Mack
*Silver Sun*, 2004
metal, vidro, aço inox, madeira e motor
53,5 x 53,5 x 20,5 cm | Drive traseiro: 9 cm

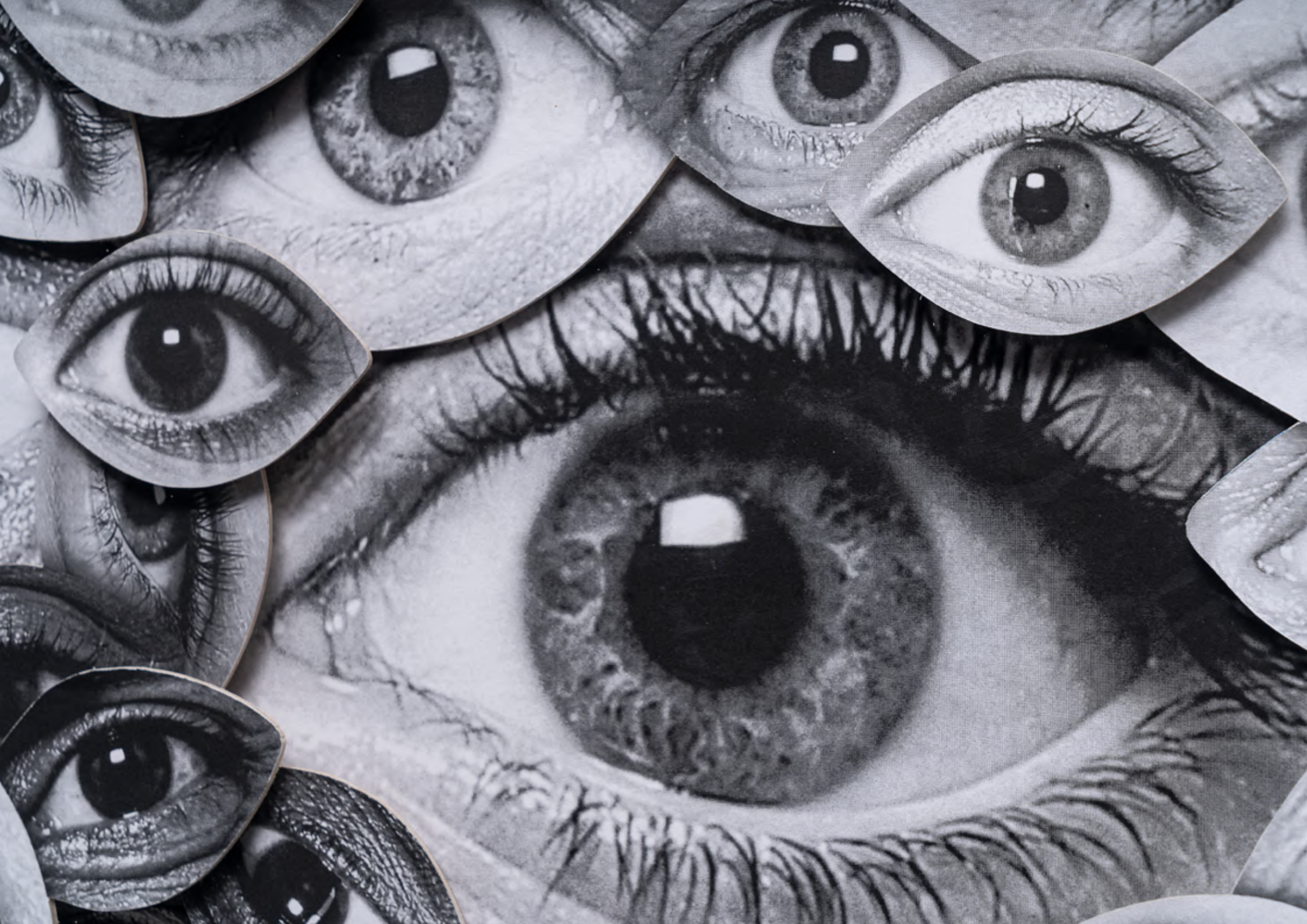
Julio Le Parc
*Mobile rectangle dans l'espace*, 1967/2009
56 mirrors, nylon thread and metalic structure
edition of 60
63,5 x 30 x 30 cm
25 x 11.8 x 11.8 in

Not Vital
*Self-portrait*, 2022
tinta óleo sobre tela
110 x 80 cm

NOT

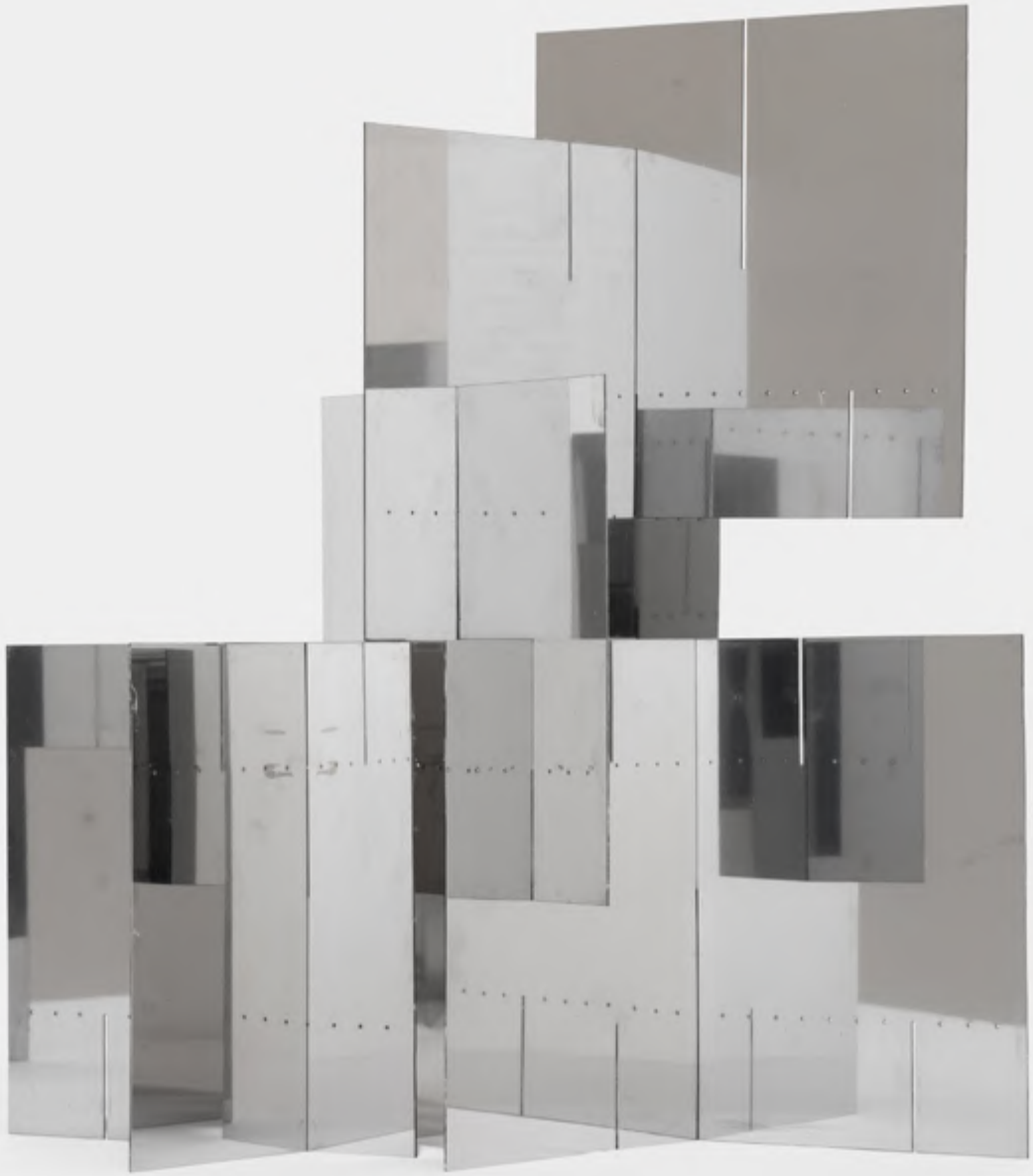
Maria Klabin
*Costela de Adão*, 2022
tinta óleo sobre linho
200 x 140 cm

JR
*Hands, composition #7*, 2022
impressão em preto e branco sobre
papel colado em madeira bétula,
cortada com serra e moldura de nogueira
unique
82,6 x 104,5 x 6,5 cm



Isaac Julien
*Intimidade crítica/Critical intimacy*
*(Lina Bo Bardi - A Marvellous Entanglement)*, 2019
impressão jato de tinta sobre papel Ilford gold fibre gloss
edição de 6 + 1 PA
90 x 110 cm

Amelia Toledo
*Mirror world*, 1966
aço inox recortado e perfurado a laser
dimensões variáveis
6 peças de 22 x 22 cm (cada)



Amelia Toledo
*Mirror world*, 1966
aço inox recortado e perfurado a laser
dimensões variáveis
6 peças de 22 x 22 cm (cada)

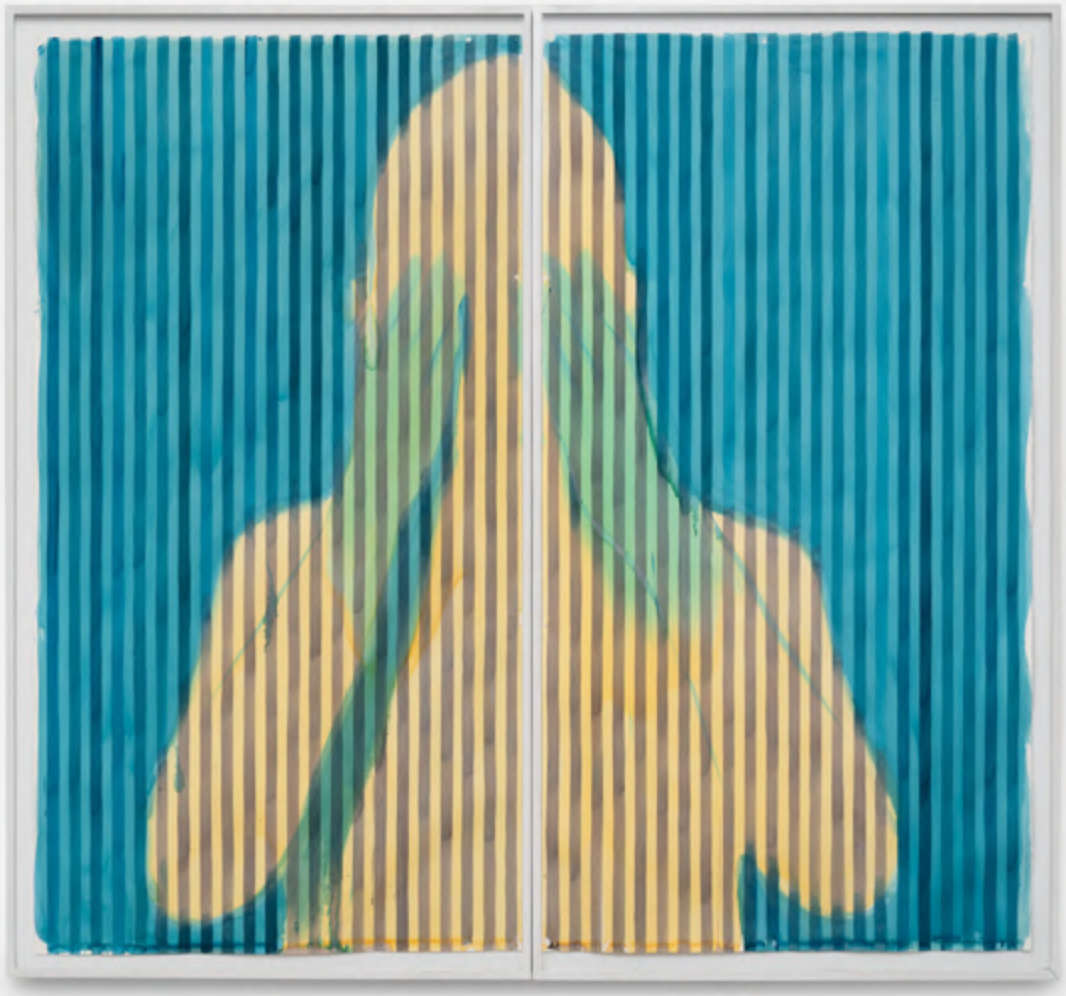
Amelia Toledo
*Mirror world*, 1966
aço inox recortado e perfurado a laser
dimensões variáveis
6 peças de 22 x 22 cm (cada)

Sheila Hicks
*Attitude*, 2023
linho, algodão e papel
23 x 23 x 9 cm

Richard Long
*Sem título*, 2024
argila sobre madeira
23 x 23,5 x 3,5 cm

Richard Long
*Sem título*, 2024
tinta acrílica sobre
madeira com pregos
345 x 5,5 x 8 cm

Alexandre Arrechea
*Sisifo (The body as the field)*, 2016
aquarela sobre papel
duas peças de 213 x 113,5 cm (cada)

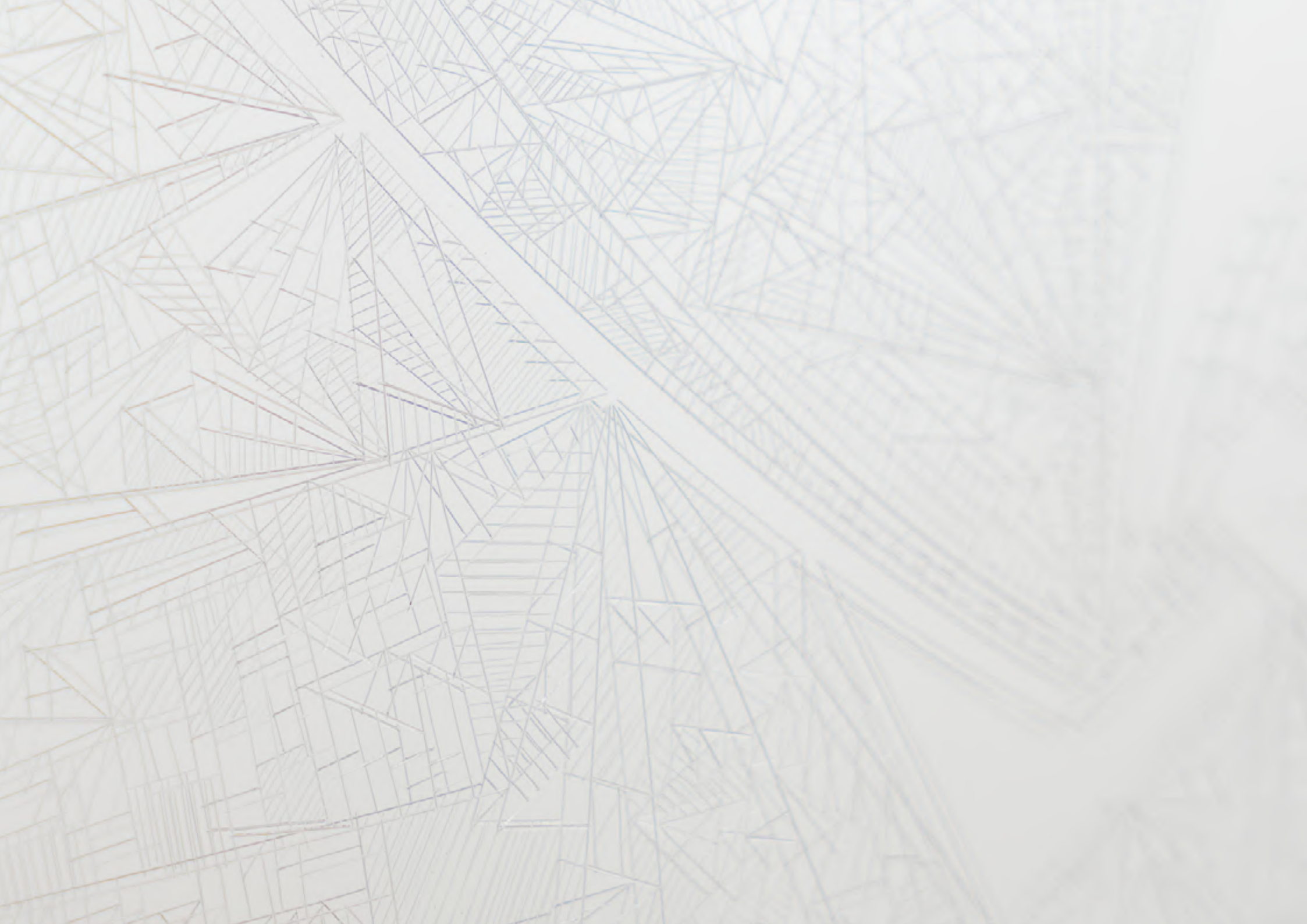


Angelo Venosa
*Sem título*, 2018
madeira, tecido, resina
e fibra de vidro
edição de 1+ 2 PA
310 x 90 x 65 cm

Xavier Veilhan
*Renzo nº 1*, 2022
argamassa mineral composta,
verniz de poliuretano e compensado de bétula
1/3 states (one of a kind)
199 x 65 x 52 cm

Jose Dávila
*Doppelgänger*, 2026
esfera de vidro, pedra e arame
edição 3 + 1 PA
189,5 x 189 x 125 cm

Marco Maggi
*Global Myopia (Parking Mirror)*, 2010
cuts on convex mirror
Ø 45 cm
Ø 17.7 in



## carlito carvalhosa

n. 1961, São Paulo, Brasil
m. 2021, São Paulo, Brasil

A obra de Carlito Carvalhosa envolve predominantemente as linguagens da instalação, da pintura e da escultura. Nos anos 1980, integrou o Grupo Casa 7, em São Paulo, do qual faziam parte também Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos e Paulo Monteiro. As tendências do neoexpressionismo eram visíveis na produção desses artistas, sobretudo a utilização de superfícies de grandes dimensões e a ênfase no gesto pictórico. No fim dessa década, após a dissolução do grupo e alguns experimentos com encáustica, Carvalhosa concebeu quadros com cera pura ou misturada a pigmentos. Nos anos 1990, dedicou-se à produção de esculturas de aparência orgânica e maleável, utilizando materiais diversos, caso das "ceras perdidas". Ainda em meados dessa década, fez também esculturas em porcelana.

Carvalhosa atribui profunda eloquência à materialidade do suporte, mas a transcende e aborda questões mais amplas, relativas às transformações do espaço e do tempo. Deparamo-nos, em sua prática, com a tensão entre forma e matéria, explicitada na disjunção entre o visível e o tátil. Aquilo que vemos não é o que tocamos, assim como o que se toca não é o que se vê. Desde o início dos anos 2000, o artista tem realizado pinturas sobre superfícies espelhadas que, nas palavras do curador Paulo Venâncio Filho, "colocam nossa presença dentro delas". Não raro, Carvalhosa realiza instalações em que, além de técnicas usuais, faz uso de materiais como tecidos e lâmpadas.

**clique para ver o cv completo**

**exposições individuais selecionadas**

- *Carlito Carvalhosa - A Metade do Dobro,* Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2024)
- *A Natureza das Coisas, Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil (2024)*
- *Matter as Image. Works from 1987 to 2021,* Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- *I Want to Be Like You*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Sala de espera*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2013)
- *Sum of Days*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2011)
- *Corredor*, Projeto Parede, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2008)

**exposições coletivas selecionadas**

- *Fullgás - Artes Visuais e Anos 1980 no Brasil,* Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Sensory Poetics: Collecting Abstraction,* Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2022)
- *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019); Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA (2017)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary A*rt, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- 10ª Bienal de Curitiba, Brasil (2015)
- *Rio (River)*, Performance, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2014)
- 30ª e 18ª Bienal de São Paulo, Brasil (2013 e 1985)
- 3ª Bienal do Mercosul, Brasil (2001)

**coleções selecionadas**

- Salomon R. Guggenheim Museum, New York, USA
- Cisneros Fontanals Art Foundation (CIFO), Miami, EUA
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Dallas Museum of Art, Dallas, EUA

## tomie ohtake

n. 1913, Kyoto, Japão
m. 2015, São Paulo, Brasil

Uma das principais figuras da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake nasceu em Kyoto em 1913 e mudou-se para o Brasil em 1936. Uma das principais figuras da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake nasceu em Kyoto em 1913 e mudou-se para o Brasil em 1936. Sua carreira como artista plástica começou na década de 1950, sob a orientação do artista japonês Keiya Sugano. Após uma fase inicial voltada para estudos figurativos em pintura, passou a explorar o abstrato. Durante esse período, criou uma série de trabalhos conhecidos como "pinturas cegas", em que pintava com os olhos vendados. Tal prática foi sugestão do crítico Mário Pedrosa, um dos principais teóricos do movimento neoconcreto brasileiro, enfatizando a sensibilidade e a intuição em sua prática.

Em suas pinturas de meados da década de 1970 até a década de 1980, Ohtake desenvolveu um estilo distinto e inigualável de abstração figural. As suas magníficas obras, caracterizadas por formas redondas e orgânicas que preenchem o campo visual, são executadas com sutis gradações de tonalidade e extensões monocromáticas. Com isso, ela transformou o legado do modernismo brasileiro em um dos repertórios mais eloquentes da pintura tardo-moderna das Américas. Foi durante esse período que o trabalho de Ohtake assumiu uma dimensão cósmica, impulsionando sua transição para a escultura e o espaço real.

Ao longo de sua extensa carreira, Tomie Ohtake participou de 20 bienais internacionais - incluindo seis em São Paulo, onde recebeu o Prêmio Itamaraty, além da Bienal de Veneza, Tóquio, Havana e Cuenca, entre outras. Seu portfólio inclui mais de 120 exposições individuais (em São Paulo, outras vinte capitais brasileiras e cidades como Nova York, Washington DC, Miami, Tóquio, Roma e Milão) e cerca de 400 coletivas, no Brasil e no exterior. Recebeu ainda 28 prêmios ao longo de sua vida.

**clique para ver cv completo**

**exposições individuais selecionadas**

- *Tomie Ohtake*, Pace Gallery, Tokyo, Japão (2025)
- *Tomie Ohtake Dançante*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2022)
- *Visible Persistence*, Nara Roesler Nova York, EUA (2021)
- *Tomie Ohtake: nas pontas dos dedos*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2017)
- *Tomie Ohtake 100–101*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2015)
- *Pinturas Cegas*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2013)

**exposições coletivas selecionadas**

- *Open Ended: SFMoMA's Collection – 1900 to now,* SFMoMA, San Francisco, EUA (2024)
- 60ª Bienal de Veneza*, Stranieri Ovunque – Foreigners Everywhere,* Veneza Itália (2024)
- *Action, Gesture, Paint: Women Artists and Global Abstraction 1940–70,* Whitechapel Gallery, Londres, Reino Unido (2023)
- *Composições para tempos insurgentes*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Surface Work*, Victoria Miro, London, United Kingdom (2018)
- *Arte moderna na coleção da Fundação Edson Queiroz*, Museu Coleção Berardo, Lisboa, Portugal (2017)
- *The World is our Home. A Poem on Abstraction*, Para Site, Hong Kong (2015)
- *Fusion: Tracing Asian Migration to the Americas Through AMA's Collection,* Art Museum of the Americas, Washington DC, EUA (2013)

**selected collections**

- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Caracas, Venezuela
- Dallas Museum of Art, Dallas, EUA
- M+, Hong Kong
- San Francisco Museum of Modern Art (SFMoMA), São Francisco, EUA
- Metropolitan Museum of Art (MET), Nova York, EUA
- Mori Art Museum, Tokyo, Japão
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

## vik muniz

n. 1961, São Paulo, Brasil
vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Nova York, EUA

A obra de Vik Muniz questiona e tensiona os limites da representação. Apropriando-se de matérias-primas como algodão, açúcar, chocolate e até lixo, o artista meticulosamente compõe paisagens, retratos e imagens icônicas retiradas da história da arte e do imaginário da cultura visual ocidental, propondo outros significados para esses materiais e para as representações criadas.

Para a crítica e curadora Luisa Duarte, "sua obra abriga uma espécie de método que solicita do público um olhar retrospectivo diante do trabalho. Para 'ler' uma de suas fotos, é preciso indagar o processo de feitura, os materiais empregados, identificar a imagem, para que possamos, enfim, nos aproximar do seu significado. A obra coloca em jogo uma série de perguntas para o olhar, e é nessa zona de dúvida que construímos nosso entendimento".

Muniz também se destaca pelos projetos sociais que coordena, partindo da arte e da criatividade como fator de transformação em comunidades brasileiras carentes e criando, ainda, trabalhos que buscam dar visibilidade a grupos marginalizados na nossa sociedade.

**clique para ver cv completo**

**exposições individuais selecionadas**

- *Vik Muniz - A Olho Nu*, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, Brazil (2026)
- *Vik Muniz - A Olho Nu*, Instituto Ricardo Brennand, Recife, Brasil (2025)
- *Flora Industrialis,* Museo Universidad de Navarra, Pamplona, Espanha (2023)
- *Dinheiro Vivo,* Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Fotocubismo*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *Vik Muniz*, Sarasota Museum of Art (SMOA), Ringling College of Art and Design, Sarasota, EUA (2019)
- *Imaginária*, Solar do Unhão, Museu de Arte Moderna de Salvador (MAM-BA), Salvador, Brasil (2019)
- *Vik Muniz: Verso*, Belvedere Museum Vienna, Viena, Áustria (2018)
- *Afterglow – Pictures of Ruins*, Palazzo Cini, Veneza, Itália (2017)
- *Relicário*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)

**exposições coletivas selecionadas**

- *Language and Image: Conceptual and Performance-based Photography from the Jorge M. Pérez Collection*, Pérez Art Museum of Miami (PAMM), Miami, EUA (2025)
- *Fantastic Visions: Surreal and Constructed Images,* Amarillo Museum of Art, EUA (2022)
- *Art of Illusion,* Nelson-Atkins Museum of Art, Kansas City, EUA (2021)
- *Citizenship: A Practice of Society,* Museum of Contemporary Art, Denver, EUA (2020)
- *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019)
- *Naar Van Gogh*, Vincent van GoghHuis, Zundert, Países Baixos (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- *Look at Me!: Portraits and Other Fictions from the "la Caixa" Contemporary Art Collection*, Pera Museum, Istambul, Turquia (2017)
- *Botticelli Reimagined*, Victoria & Albert Museum, Londres, Reino Unido (2016)
- 56ª Bienal de Veneza, Itália (2015)
- 24ª Bienal de São Paulo, Brasil (1998)

**coleções selecionadas**

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Gallery, Londres, Reino Unido
- Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA

## cao guimarães

n. 1965, Belo Horizonte, brasil
vive e trabalha em Montevidéu, Uruguai

Os trabalhos de Cao Guimarães são peças audiovisuais expandidas, frequentemente estabelecidas no trânsito entre a película, a partir do uso de Super-8, e o vídeo. Desse modo, sua obra constrói fortes conexões com as artes visuais, sem, contudo, filiar-se de modo determinante a nenhum grupo ou vertente específica. O artista cria, ainda, um inventário de momentos variados e visualmente marcantes da vida cotidiana. Seja capturando a utopia inóspita de Brasília, formigas carregando confetes no fim do carnaval, ou bolhas de sabão flutuando pelos corredores de uma casa vazia, seus trabalhos expandem a ideia e o vocabulário da forma documental através dos meios utilizados.

O artista também trabalha com fotografia, como é o caso da série *Gambiarras*. Sua habilidade de improvisação dá origem a momentos de estranhamento e fascínio capazes de deslocar nosso olhar para objetos e situações comuns, ressignificando-os a partir da exploração da duração e do foco. A prática fotográfica de Guimarães não se distancia muito de sua produção audiovisual. Ambas partem de premissas documentais daquilo que nos parece habitual. Mesmo a ausência de movimento, característica da imagem fotográfica, é compensada pela sequencialidade e justaposição a outras imagens, compondo séries que poderiam ser fragmentos, ou *frames*, de um filme do artista.

Seus filmes foram exibidos em inúmeros festivais, no Brasil e no exterior, tais como Berlin International Film Festival (2014); Sundance Film Festival (2007); Cannes Film Festival (2005); Rotterdam International Film Festival (2005, 2007 e 2008), entre outros.

**clique para ver o cv completo**

**exposições individuais selecionadas**

- *Cao Guimarães - Ciclo de filmes*, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), São Paulo, Brasil (2020)
- *Espera*, Instituto Moreira Salles – Paulista (IMS-Paulista), São Paulo, Brasil (2018)
- *Ver é uma fábula*, Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), Fortaleza, Brasil (2018); Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil (2013); Galerie Anita Beckers, Frankfurt am Main, Alemanha (2013)
- *Estética da gambiarra*, Sesc Interlagos (2015), São Paulo, Brasil (2015)
- *Cao Guimarães*, Museu de Arte da Pampulha (MAP), Belo Horizonte, Brasil (2008)

**exposições coletivas selecionadas**

- *Habitando el futuro: Naturaleza arquitecta*, Museo de Arte Moderno de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina (2026)
- *Arqueologias do presente*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- 7ª Bienal Internacional de Arte Contemporânea, Espanha (2018)
- *Art and Space*, Guggenheim Bilbao Museum, Bilbao, Espanha (2017)
- *Video Art in Latin America*, II Pacific Standard Time: LA/LA (PST: LA/LA), LAXART, Hollywood, EUA (2017)
- 34º Panorama da Arte Brasileira, Brasil (2015)
- *From the Margin to the Edge: Brazilian Art and Design in the 21st Century*, Somerset House, Londres, Reino Unido (2012)

**coleções selecionadas**

- Fondation Cartier Pour L'art Contemporain, Paris, França
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

## antonio dias

n. 1944, Campina Grande, Brasil
m. 2018, Rio de Janeiro, Brasil

Antonio Dias iniciou sua carreira na década de 1960, produzindo obras marcadas pelo conteúdo de crítica política na forma de pinturas, desenhos e assemblages típicas do Neofigurativismo e da Pop Art brasileiros, o que lhe rendeu o rótulo de representante da Nova Figuração brasileira. No entanto, sua prática dialoga também com o legado do movimento concretista e com impulso revolucionário da Tropicália. A partir de 1966, ao se autoexilar em Paris, após críticas sutis à ditadura militar brasileira, o artista entrou em contato com nomes do movimento de vanguarda italiano 'Arte Povera', entre eles Luciano Fabro e Giulio Paolini. Nesse contexto europeu, voltou-se cada vez mais para a abstração, transformando seu estilo.

Em seguida, Dias partiu para a Itália e adotou uma abordagem conceitual, criando pinturas, vídeos, filmes, registros e livros de artista, utilizando cada uma dessas mídias para questionar o sentido da arte. Ao abordar o erotismo, o sexo e a opressão política de forma lúdica e subversiva, construiu uma obra ímpar e conceitual, dotada de sofisticação formal e permeada por questões políticas e críticas contundentes ao sistema da arte. Na década de 1980, voltou novamente sua atenção à pintura, realizando experimentos com pigmentos metálicos e minerais – como ouro, cobre, óxido de ferro e grafite – misturados a aglutinantes diversos. A maioria de suas obras desse período apresenta brilho metálico e contém grande variedade de símbolos – ossos, cruzes, retângulos, falos –, que remetem às suas primeiras produções.

**clique para ver o cv completo**

**exposições individuais selecionadas**

- *Search for an Open Enigma*, Sharjah Art Foundation, Sharjah, EAU (2024)
- *Antonio Dias: Derrotas e vitórias*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2021)
- *Antonio Dias: Ta Tze Bao*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Antonio Dias: O ilusionista*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Una collezione*, Fondazione Marconi, Milão, Itália (2017)
- *Antonio Dias – Potência da pintura*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2014)

**exposições coletivas selecionadas**

- *This Must Be the Place: Latin American Artists in New York, 1965–1975*, Americas Society, Nova York, EUA (2021)
- *Pop América, 1965–1975*, Mary & Leigh Block Museum at Northwestern University, Evanston (2019); Nasher Museum of Art at Duke University, Durham (2019); McNay Art Museum, San Antonio (2018), EUA
- *Invenção de origem*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2018)
- 34ª e 33ª Bienal de São Paulo, Brasil (2018)
- *Mario Pedrosa – On the Affective Nature of Form*, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha (2017)

**coleções selecionadas**

- Art Institute of Chicago, Chicago, EUA
- Daros Latinamerica Collection, Zurique, Suíça
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Sharjah Art Foundation, Sharjah, Emirados Árabes Unidos
- Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

## marco a. castillo

n. 1971, Camaguey, Cuba
vive e trabalha em Mérida, México

O cubano Marco Castillo é um dos membros fundadores do coletivo Los Carpinteros, criado em Havana, em 1992. O grupo tinha como preceitos a renúncia à autoria individual e a prática baseada na junção de elementos e formas da arquitetura, do design e da arte. Seus desenhos e instalações partem da observação de elementos materiais do nosso cotidiano. Esses aspectos são reelaborados para explorar a relação entre o funcional e o não funcional, assim como a relação entre arte e sociedade.

Em consonância com o movimento global de revisionismo histórico, Castillo reflete sobre o processo de modernização de Cuba durante as décadas de 1960 e 1970, fazendo referência a influentes artistas, arquitetos e designers cubanos. As esculturas e os trabalhos em papel de seu mais recente projeto combinam elementos do design moderno e do realismo socialista do período soviético a técnicas e materiais cubanos tradicionais – incluindo a madeira de mogno e a treliça de palha, além do desenho gráfico daquelas épocas.

Recentemente, o artista tem concentrado seu trabalho em reinterpretar obras de figuras-chave daquilo que chama de "geração esquecida", como Gonzalo Córdoba, María Victoria Caignet, Rodolfo Fernández Suárez (Fofi), Joaquín Galván e Walter Betancourt. Assumindo um ponto de vista político, Castillo busca seguir a trilha deixada por esses artistas históricos, ao mesmo tempo que se afirma enquanto defensor e propagador da herança artística cubana.

**clique para ver o cv completo**

**exposições individuais selecionadas**

- *A Casa do Decorador: O futuro já não é*, Casa Domschke, São Paulo, Brasil (2026)
- *The Hands of Collector*, Cranbook Art Museum, Detroit, EUA (2024)
- *Propriedad del estado*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *The Decorator's Home*, UTA Artist Space, Los Angeles, EUA (2019)
- *El susurro del palmar*, Galerie Peter Kilchmann, Zurique, Suíça (2018)
- *La cosa está candela*, Museo de Arte Miguel Urrutia, Bogotá, Colômbia (2017)
- *Los Carpinteros*, Museo de Arte Contemporáneo de Monterrey, México (2015)
- *Ciudad Transportable*, Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, EUA (2001)

**exposições coletivas selecionadas**

- *Sin Autorizacion: Contemporary Cuban Art*, Columbia University, Nova York, EUA (2022)
- *On the Horizon: Contemporary Cuban Art from the Jorge M. Pérez Collection, P*érez Art Museum Miami, Miami, EUA (2018)
- *Everyday Poetic*s, Seattle Art Museum, Seattle, EUA (2017)
- *Adiós Utopia: Dreams and Deceptions in Cuban Art Since 1950*, Walker Art Center, Minneapolis; Museum of Fine Arts, Houston, EUA (2017)
- *Alchemy: Transformations in Gold*, Des Moines Art Center, Des Moines, EUA (2017)
- *Contingent Beauty: Contemporary Art from Latin Americ*a, Museum of Fine Arts, Houston, EUA (2015)
- *The Kaleidoscopic Eye: Thyssen-Bornemisza Art Contemporary Collection*, Mori Art Museum, Tóquio, Japão (2009)
- Bienal de Havana, Cuba (2019, 2015, 2012, 2006, 2000, 1994, 1991)
- 13ª Bienal de Sharjah, EAU (2017)
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

**coleções selecionadas**

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Daros Foundation, Zurique, Suíça
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA

## heinz mack

n. 1931, Lollar, Alemanha
vive e trabalha entre Mönchengladbach, Alemanha e Ibiza, Espanha

Ao longo da sua carreira, Heinz Mack tem desenvolvido uma prática ancorada nas investigações sobre a luz, a temporalidade e o movimento. Sua abordagem original pode ser vista em instalações, esculturas e trabalhos em papel. Mack iniciou sua carreira na década de 1950, quando fundou, ao lado de Otto Piene, o Grupo ZERO (1957–1966), ao qual mais tarde viria a se juntar Gunther Uecker, em 1961. O objetivo do coletivo estava em criar um espaço desprovido de estruturas prévias, um lugar silencioso no qual poderiam se originar novas possibilidades. Mack também manteve contato próximo com Yves Klein, com quem desenvolveu uma grande amizade que os levariam a colaborar em inúmeras ocasiões, e que seria responsável por lhe apresentar a Jean Tinguely, revelando um universo de experimentações que informaram sua própria busca pela pureza estética, pelo essencial. O próprio artista sintetiza: "O objetivo é alcançar a clareza pura, grandiosa e objetiva, livre da expressão romântica e arbitrariamente individual. Em meu trabalho eu exploro e busco fenômenos estruturais, cuja lógica estrita eu interrompo ou amplio por meio de intervenções aleatórias, ou seja, de eventos fortuitos."

O trabalho de Heinz Mack caracteriza-se por estabelecer relações inovadoras com a luz. Tomando-a como matéria, ele identifica e explicita os modos como ela afeta e é afetada pelo movimento, pelo espaço e pela cor. Tendo esses preceitos como núcleo de sua prática, o artista tem desenvolvido de forma rigorosa e arguta um conjunto de obra multifacetado que continuamente aponta para novos horizontes na arte.

**clique para ver o cv completo**

**exposições individuais selecionadas**

- *Heinz Mack*, Fondation Le Corbusier, Paris, França (2025)
- *The light in Me,* Osthaus Museum, Hagen, Alemanha (2023)
- *Vibration of Light*, Biblioteca Nazionale Marciana, Veneza, Itália (2022)
- *Paragold*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *Taten Des Lichts: Mack & Goethe*, Goethe-Museum, Düsseldorf, Alemanha (2018)
- *Heinz Mack – From Time to Time. Painting and Sculpture*, 1994–2016, Palais SchönbornBatthyány, Viena, Áustria (2016)
- *Mack – Just Light and Color*, Sakip Sabanci Museum, Istambul, Turquia (2016)
- *Heinz Mack – The light of my colors*, Museum Ulm, Ulm, Alemanha (2015)
- *Mack – The Language of My Hand*, Museum Kunstpalast, Düsseldorf, Alemanha (2011)
- *Heinz Mack – Licht der ZERO-Zeit*, Ludwig Museum im Deutschherrenhaus, Koblenz, Alemanha (2009)

**exposições coletivas selecionadas**

- *Parallel inventions: Julio Le Parc, Heinz Mack, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)*
- *The Sky as Studio – Yves Klein and his contemporaries*, Pompidou Metz, Metz, França (2021)
- *New Beginnings: Between Gesture and Geometry*, Georgem Economou Collection, Atenas, Grécia (2016)
- *Facing the Future. Art in Europe, 1945–1968*, Palais des Beaux Arts, Bruxelas, Bélgica (2016)
- *ZERO: Let Us Explore the Stars*, Stedelijk Museum, Amsterdam, Holanda (2015)
- *ZERO: Countdown to Tomorrow, 1950s–60s*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2015)
- *The Sky Over Nine Columns*, Bienal de Veneza, Itália (2014)
- 35th Venice Biennale, Itália (1970)
- *Documenta II* (1959) and *Documenta III* (1966), Kassel, Alemanha

**coleções selecionadas**

- Albright-Knox Art Gallery, Buffalo, EUA
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington DC, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate, Londres, Reino Unido

## julio le parc

n. 1928, Mendoza, Argentina
m. 2026, Cachan, França

Julio Le Parc é reconhecido internacionalmente como um dos principais nomes da arte óptica e cinética. Ao longo de seis décadas, ele realizou experiências inovadoras com luz, movimento e cor, buscando promover novas relações entre arte e sociedade a partir de uma perspectiva utópica. Suas telas, esculturas e instalações abordam questões relativas aos limites da pintura a partir de procedimentos que se aproximam da tradição pictórica na história da arte, como o uso de acrílico sobre tela, ao mesmo tempo que investigam potencialidades cinéticas em *assemblages*, instalações e aparelhos maquínicos que exploram o movimento real e a atuação da luz no espaço.

Pioneiro do gênero óptico e cinético, Julio Le Parc foi cofundador do Groupe de Recherche d'Art Visuel (1960–1968), coletivo de artistas que se propunha a incentivar a interação do público com a obra, a fim de aprimorar suas capacidades de percepção e ação. De acordo com essas premissas, somadas à aspiração, bastante disseminada na época, de uma arte desmaterializada, indiferente às demandas do mercado, o grupo se apresentava em locais alternativos e até na rua. As obras e instalações de Julio Le Parc, feitas com nada além da interação entre luz e sombra, são resultado direto desse contexto, no qual a produção de uma arte fugaz e não vendável assumia claro tom sociopolítico.

**clique para ver o cv completo**

**exposições individuais selecionadas**

- *Julio Le Parc: light. color. action.* Tate Modern, Londres, Reino Unido (2026)
- *Julio Le Parc: The Discovery of Perception,* Palazzo Delle Papesse, Siena, Itália (2024)
- *Julio Le Parc: Couleurs,* Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2024)
- *Quintaesencia,* Museo de Arte Contemporáneo Atchugarry (MACA), Punta del Este, Uruguai (2023)
- *Julio Le Parc: Un Visionario*, Centro Cultural Néstor Kirchner, Buenos Aires, Argentina (2019)
- *Julio Le Parc 1959*, Metropolitan Museum of Art (Met Breuer), Nova York, EUA (2018)
- *Julio Le Parc: Da forma à ação*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2017)
- *Julio Le Parc: Form into Action*, Perez Art Museum, Miami, EUA (2016)

**exposições coletivas selecionadas**

- *Electric Dreams: Art and Technology Before the Internet,* Tate Modern, Londres, Reino Unido (2024)
- *Parallel Inventions: Julio Le Parc, Heinz Mack,* Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Action <-> Reaction: 100 Years of Kinetic Art*, Kunsthal Rotterdam, Rotterdam, Países Baixos (2018)
- *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Museum of Modern Art, Varsóvia, Polônia (2017)
- *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969*, II Pacific Standard Time: LA/LA (II PST: LA/LA), Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)
- *Retrospect: Kinetika 1967*, Belvedere Museum, Viena, Áustria (2016)
- *The Illusive Eye*, El Museo del Barrio, Nova York, EUA (2016)

**coleções selecionadas**

- Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA
- Daros Collection, Zurique, Suíça
- Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, EUA
- Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA

## not vital

n. 1948, Sent, Suiça, onde vive e trabalha

Not Vital é reconhecido por sua prática baseada no intenso contato com a natureza e na adoção de um estilo de vida nômade. Sua produção normalmente provoca percepções inusitadas, frequentemente de surpresa ou estranhamento, ao deslocar para o contexto artístico formas próprias da natureza ou elementos característicos de regiões remotas, muitas vezes alterando sua escala e materialidade. Desde o começo dos anos 1980, o artista articula escultura – recorrendo, muitas vezes, a processos colaborativos com artesãos – à construção de espaços, diluindo os limites entre arte e arquitetura e estabelecendo uma íntima relação com o contexto cultural local. De fato, em seu trabalho, os objetos alteram nossa percepção tanto do ambiente em que se situam, seja pela reflexividade do material ou pelo seu posicionamento, quanto das estruturas arquitetônicas do espaço, que fogem da linguagem usual, tornando-se verdadeiras esculturas habitáveis.

Vital desenvolve também obras em pintura e desenho que dialogam com os assuntos presentes em suas propostas escultóricas e arquitetônicas.
Os materiais empregados são os mais diversos, indo dos mais simples e perecíveis – café, sal, ovo – até os mais valiosos e duradouros – mármore, prata e ouro. Desde o final dos anos 1990, ele instala construções de caráter permanente em diversos lugares como Agadèz (Níger), Patagônia chilena (Chile) e Paraná do Mamori (Brasil). Além de seus chamados *habitats*, dentre os quais se destaca *House to Watch the Sunset*, essas construções incluem escolas, pontes ou túneis.

**clique para ver o cv completo**

**exposições individuais selecionadas**

- *Tirando Onda*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil (2025)
- *Not Vital: A Vida é um Detalhe,* Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Not Vital: Scarch,* Abbazia di San Giorgio, Veneza, Itália (2021)
- *Scarch*, Hauser & Wirth, Somerset, Reino Unido (2020)
- *Let One Hundred Flowers Bloom*, Galerie Andrea Caratsch, St. Mortiz, Suiça (2019); Ateneum, Helsinque, Finlândia (2018)
- *Saudade,* Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- Yorkshire Sculpture Park, Wakefield, Reino Unido (2016)

**exposições coletivas selecionadas**

- *Mães*: Not Vital & Richard Long, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- 17ª Bienal de Arquitetura de Veneza, Itália (2021)
- *Passion: Bilder von der Jagd*, Bündner Kunstmuseum Chur, Chur, Suíça (2019)
- *Surrealism Switzerland*, Aargauer Kunsthaus, Aarau, Suíça (2018)
- *Illumination*, Louisiana Museum of Modern Art, Humlebæk, Dinamarca (2016)
- *Simple Forms: Contemplating Beauty*, Mori Art Museum, Tóquio, Japão

**coleções selecionadas**

- Bibliothèque Nationale, Paris, França
- Kunstmuseum Bern, Berna, Suíça
- Louisiana Museum of Modern Art, Humblaek, Dinamarca
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Toyota Municipal Museum of Art, Aichi, Japão

## maria klabin

n. 1978, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

A obra de Maria Klabin envolve cenas, ocorrências e paisagens permeadas pelo cotidiano e, portanto, vistas e vivenciadas de forma exaustiva. Ao lidar com elementos onipresentes, Klabin extrai a cadência de sua recorrência, buscando captar o ritmo formal embutido na repetição, ou banalidade, de sua experiência. O processo da artista consiste em produzir e reunir constantemente desenhos, fotografias e anotações que ela extrai de seu entorno. O acúmulo de pensamentos e imagens se entrelaçam e integram um sentido unitário, desvelando as intrigantes relações que constituem o centro das investigações pictóricas da artista. Em suas próprias palavras, Klabin desenvolve seu trabalho "como se estivesse escrevendo uma história, ou um diário, mas um diário de coisas que não aconteceram realmente. É uma narrativa que pode ser contada apenas através da pintura, mas que aborda temas que parecem mais familiares para escritores do que para pintores."

Maria Klabin oscila entre extremos no que diz respeito a escala de seus trabalhos, produzindo pinturas ora pequenas, ora monumentais, a depender da natureza do tema abordado. Suas telas em reduzidas dimensões costumam servir de suporte para os fluxos rápidos de pensamento – como anotações em papel, que possivelmente tomam proveito do seu inconsciente – e capturam, efetivamente, o ritmo de seu entorno. Suas pinturas em grande formato, por sua vez, incorporam percepções de cunho mais contemplativo e onírico. Recentemente, Klabin produziu uma série de pinturas de paisagens que se aproximam da escala do mural, partindo de fragmentos de elementos autobiográficos, destilados do que ela descreve como uma improvável e fluida colcha de retalhos da memória, o que resulta em composições não atraentes e assustadoras que escapam a objetividade.

**clique para ver o cv completo**

**exposições individuais selecionadas**

- *Língua d'água*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2025)
- *Liquid Air*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- *Paisagem com Casinha*, Galeria Silvia Cintra, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Entre rio e pedra*, Galeria Silvia Cintra, Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *E o dia havia acabado*, quando começou, Galeria Silvia Cintra, Rio de Janeiro, Brasil (2014)

**exposições coletivas selecionadas**

- *Abrasive Paradise*, Kunsthal KADE, Amstersfoort, Países Baixos (2022)
- *In Waiting: Works Produced in Isolation*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2020)
- *Já estava assim quando eu cheguei*, Ron Mandos, Amsterdam, Holanda (2020)
- *Festival de Arte Contemporânea*, SESC VideoBrasil, São Paulo, Brasil (2012)
- *Novas aquisições da Coleção Gilberto Chateaubriand*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012)
- *Rumos 2005/06 Paradoxos Brasil*, Itaú Cultural, São Paulo, Brasil (2006)
- *Além da imagem*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2006)

**coleções selecionadas**

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

## JR

n. 1983, Paris, França
vive e trabalha entre Paris, França e Nova York, EUA

Após encontrar uma câmera fotográfica no metrô de Paris, em 2001, JR decidiu viajar pela Europa para conhecer aqueles indivíduos que se expressavam em muros e fachadas de prédios, fazendo seus retratos e os expondo nas ruas. Graças às suas grandes intervenções em espaços públicos, ele torna visível fenômenos e pessoas que costumamos ignorar. Os retratos que cria trazem expressões questionadoras, penetrantes, observadoras e solenes, que chamam nossa atenção e permanecem na nossa consciência por muito tempo após terem sido vistas. JR concebeu e realizou filmes, instalações, intervenções e trabalhos em diferentes linguagens, colaborando, muitas vezes, com o New York City Ballet, OSGEMEOS, Agnès Varda, Robert De Niro, e muitos outros artistas.

Ao desenvolver seus projetos, JR se esforça para envolver as populações locais na realização de suas proposições. O artista chama a atenção do público, para além dos visitantes típicos de museus, ao espalhar seus trabalhos nos edifícios de Paris, nas paredes do Oriente Médio, nas pontes quebradas da África ou nas favelas do Brasil. Em cada um de seus projetos, ele atua como testemunha de uma comunidade em que os habitantes não apenas veem os trabalhos, mas também os fazem. Mulheres idosas tornam-se modelos por um dia e crianças transformam-se em artistas por uma semana. A prática de JR não separa atores de espectadores e promove o encontro entre o sujeito/protagonista e o transeunte/intérprete, levantando questões, criando vínculos sociais, reunindo comunidades e conscientizando pessoas.

**clique para ver o cv completo**

**exposições individuais selecionadas**

- *Printing The Chronicles of Kyoto*, Kyoto Shimbun, Quioto, Japão (2025)
- *Déplacé.e.s,* Kulturhuset Stadsteatern, Estocolmo, Suécia (2024)
- *O papel da mão,* Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *JR: Chronicles,* Lotte Museum of Art, Seul, Coréia do Sul (2023)
- *JR: Chronicles*, Kunsthalle, Munique, Alemanha (2022)
- *JR: Chronicles*, Saatchi Gallery, Londres, Reino Unido (2021)
- *JR: Chronicles*, Brooklyn Museum, Nova York, EUA (2019)
- *Momentum. La Mécanique de l'Épreuve*, Maison Européenne de la Photographie, Paris, França (2018)
- *Chroniques de Clichy-Montfermeil*, Palais de Tokyo, Paris, França (2017)
- *Kikito*, fronteira México-EUA (2017)
- *JR at the Louvre*, Musée du Louvre, Paris, França (2016)

**exposições coletivas selecionadas**

- *AQVA. Catastrofe e Meraviglia*, Biblioteca Apostólica Vaticana, Cidade do Vaticano (2026)
- *Forever is Now*, Pirâmides de Gizé, Gizé, Egito (2021)
- *JR, Adrian Piper, Ray Johnson*, Museum Frieder Burda, Berlim, Alemanha (2019)
- *Refuge*, 21c Museum, Bentonville, EUA (2019)
- *Post No Bills: Public Walls as Studio and Source*, Neuberger Museum of Art, Purchase, EUA (2016)
- *Tu dois changer ta vie*, Tripostal, Lille, França (2015)

**coleções selecionadas**

- Brooklyn Museum, Brooklyn, EUA
- Château La Coste, Aix-en-Provence, França
- Hong Kong Contemporary Art Foundation, Hong Kong
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Palais de Tokyo, Paris, França
- San Francisco Museum of Modern Art, San Francisco, EUA

## isaac julien

n. 1960, Londres, Reino Unido, onde vive e trabalha

Isaac Julien é um dos mais importantes e influentes artistas britânicos nos campos da instalação e do cinema. Em seu trabalho, ele utiliza elementos provenientes de disciplinas e práticas variadas (entre elas cinema, fotografia, dança, música, teatro, pintura e escultura), integrando-os em instalações audiovisuais dramáticas, obras fotográficas e documentários. A pluralidade não se faz presente apenas nas linguagens agenciadas em seu processo, mas também no resultado, exibido em instalações compostas por múltiplas telas e, por vezes, fotografias. Suas imagens deslumbrantes e potentes articulam uma linguagem visual única e poética.

Os trabalhos de Julien surgem de investigações sobre personalidades proeminentes do século XX, tais como Langston Hughes, Frantz Fanon e Lina Bo Bardi, atuando, muitas vezes, de modo a revisar as narrativas históricas oficiais. Apesar do principal meio de produção do artista ser o vídeo, a fotografia possui papel fundamental no seu processo. Em suas fotos, encontramos a síntese estética de seu trabalho audiovisual, assim como sua renovação, a partir de procedimentos de colagem e fotomontagem.

Seu filme *Young Soul Rebels* (1991) recebeu o prêmio Semaine de la Critique no Festival de Cinema de Cannes. *Frantz Fanon: Black Skin, White Mask* (1996), co-dirigido por Mark Nash, venceu o Grande Prêmio Pratt and Whitney Canada. Julien também foi contemplado com o Prêmio McDermott do MIT e o Prêmio The Golden Gate Persistence of Vision (2014), no Festival de Cinema de São Francisco. Em 2015, Isaac Julien recebeu o Prêmio Kaino por Excelência Artística.

**clique para ver o cv completo**

**exposições individuais selecionadas**

- *Lina Bo Bardi - Um Maravilhoso Emaranhado*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2025)
- *Lessons of the hour: Frederick Douglas,* Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2024)
- *Isaac Julien – Fantôme Afrique,* Ruby City, San Antonio, EUA (2023)
- *What Freedom is to me*, Tate Britain, Londres, Reino Unido (2023)
- *Once Again…(Statues Never Die)*, Barnes Foundation, Philadelphia, EUA (2022)
- *Lessons of the Hour*, Metro Pictures; Memorial Art Gallery (MAG), Nova York, EUA (2019)
- *Western Union: Small Boats*, ARoS Aarhus Kunstmuseum, Aarhus, Dinamarca (2018)
- *To the End of the World*, Galerie Forsblom, Estocolmo, Suécia (2018)
- *Ten Thousand Waves*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil (2016)

**exposições coletivas selecionadas**

- *Whitney Biennial 2024: Even Better than The Real Thing,* Nova York, EUA (2024)
- *Black Diasporas: 21st Century Art and Poetics,* LACMA, Los Angeles, EUA (2023)
- *Thinking Historically in the Present – Sharjah Biennial 15,* Sharjah, Emirados Arabes Unidos (2023)
- *Sweat*, Haus der Kunst, Munique, Alemanha (2021)
- 57ª Bienal de Veneza, Itália (2017)
- *Coming Out: Sexuality, Gender and Identity*, Walker Museum, Liverpool; Birmingham Museum and Art Gallery, Birmingham, Reino Unido (2017)
- *The Shadow Never Lies*, Minsheng Museum, Shanghai, China (2016)
- Trienal de Paris, França (2012)
- 7ª Bienal de Gwangju, Coréia do Sul (2008)

**coleções selecionadas**

- Art Institute of Chicago, Chicago, EUA
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- SFMoMA, San Francisco, EUA
- Young Museum, San Francisco, EUA

## amelia toledo

n. 1926, São Paulo, Brasil
m. 2017, Cotia, Brasil

Amelia Toledo iniciou seus estudos em arte no final dos anos 1930, quando frequentou o Ateliê de Anita Malfatti. Na década seguinte, estudou com Yoshiya Takaoka e Waldemar da Costa. Em 1948 atuou com desenho de projetos no escritório do arquiteto Vilanova Artigas. Esse contato com figuras chave da arte moderna brasileira, assim como sua experiência no laboratório de anatomia patológica de seu pai, possibilitaram o desenvolvimento de um trabalho multifacetado que faz uso de diversas linguagens como escultura, pintura e gravura. Essa produção floresceu, ainda, no convívio com outros artistas de sua geração, tais como Mira Schendel, Tomie Ohtake, Hélio Oiticica e Lygia Pape.

A diversidade de meios de Amelia Toledo é reveladora de um espírito voltado para uma investigação expandida das possibilidades artísticas. A partir dos anos 1970 a produção da artista ultrapassa a gramática construtiva, que fazia uso de elementos geométricos regulares e curvas, e passa a se debruçar sobre formas da natureza. Toledo começa a colecionar materiais como conchas e pedras, e a paisagem passa a se tornar um tema fundamental de sua prática. Já a pintura da artista possui inclinações monocromáticas, revelando seu interesse pela pesquisa com a cor.

**clique para ver o cv completo**

**exposições individuais selecionadas**

- *Amelia Toledo: Paisagem cromática,* Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (mube), São Paulo, Brasil (2024)
- *Amelia Toledo: Paisagem cromática,* Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil (2024)
- *Amelia Toledo: 1958-2007,* Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
- *Amelia Toledo – Lembrei que esqueci*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-SP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Amelia Toledo*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2009)
- *Novo olhar*, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil (2007)
- *Viagem ao coração da matéria*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2004)

**exposições coletivas selecionadas**

- *Pop Brasil: Vanguarda e Nova Figuração,* Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2025)
- *Constelação Clarice*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil (2021)
- *Radical Women: Latin American Art*, 1960–1985, Hammer Museum, Los Angeles, EUA (2017); Brooklyn Museum, Nova York, EUA (2018); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- 10ª Bienal do Mercosul, Brasil (2015)
- *30 x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *Um ponto de ironia*, Fundação Vera Chaves Barcellos, Viamão, Brasil (2011)
- 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2010)
- *Brasiliana MASP: Moderna contemporânea*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2006)

**coleções selecionadas**

- Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

## sheila hicks

n. Hastings, EUA, 1934. Vive e trabalha em Paris, França

Sheila Hicks (1934, Hastings, EUA; vive em Paris desde 1964) é uma dos importantes nomes no panorama da arte contemporânea internacional desde a década de 1960. Seu trabalho em arte têxtil iniciou-se nos anos 1950, logo após ter finalizado seus estudos na Yale Art School, em que esteve em contato com os professores Josef Albers, George Kubler, Rico Lebrun e Bernard Chaet. Sheila Hicks viajou para a América do Sul, África, Ásia, Europa, pesquisando a cultura e as práticas têxteis de cada local, considerando as tradições ancestrais encontradas. Principalmente, viajou para o Peru, Chile, México, Marrocos, Índia, Coréia, Japão, Suécia e África do Sul.

Seu trabalho caracteriza-se pela investigação da escala, que varia do mínimo ao monumental, e frequentemente ocupa uma zona limiar entre arte, design, artesanato e arquitetura. Em meio à multiplicidade de sua produção, Sheila Hicks confere sempre à cor um papel de destaque, evocando suas incursões iniciais na pintura. A artista compreende a prática da tecelagem como uma extensão da pintura — "uma pintora perdida na selva de fibras buscando encontrar uma saída", brinca ao comentar sua relação com a técnica têxtil.

Hicks também se tornou conhecida pelo uso de uma ampla variedade de materiais, que vão de pedaços de ardósia e fios a uniformes de enfermeiros e militares. Mais recentemente, passou a experimentar materiais biodegradáveis que, embora destinados a se desintegrar fisicamente, não chegam propriamente a desaparecer, uma vez que a artista busca despertar — ou construir — experiências memoráveis e perenes.

**exposições individuais selecionadas**

- *Sheila Hicks*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2026)
- *Sheila Hicks*, West Bund Museum, Xangai, China (2026)
- *New Work: Sheila Hicks*, SFMOMA, São Francisco, Califórnia, EUA (2025)
- *Hatano and Bil*l, Linked Destinies, Shibunkaku, Tóquio, Japão (2025)
- *Sheila Hicks*, Kunsthalle Düsseldorf, Düsseldorf, Alemanha (2024)

*A Little Bit of a Lot of Things*, Kunstmuseum St. Gallen, St. Gallen, Suíça (2023)

- *Woven Wonders*, Coal Drops Yard, King's Cross, Londres, Reino Unido (2022)

*Reencuentro*, Museo Chileno de Arte Precolombino, Santiago, Chile (2019)

- *Sheila Hicks: Lignes de Vie*, Centre Georges Pompidou, Paris, França (2018)
- *Sheila Hicks: Hilos libres. El textil y sus raíces prehispánicas*, 1954–2017, Museo Amparo, Puebla, México (2017)

**exposições coletivas selecionadas**

- *Woven Histories: Textiles and Modern Abstraction*, The Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA; National Gallery of Canada, Ottawa, Canadá (2025);
- 13th Liverpool Biennial, Tate Liverpool and RIBA North, Liverpool, Reino Unido (2025)
- *Weaving Abstraction in Ancient and Modern Art*, The Metropolitan Museum of Art, New York, EUA (2024)
- *HARD/SOFT: Textiles and Ceramics in Contemporary Art*, MAK, Vienna, Áustria (2023)
- *Women in Abstraction*, Centre Pompidou, Paris, França; Guggenheim Bilbao, Espanha (2021)
- 57th International Art Exhibition – La Biennale di Venezia, Veneza, Itália (2017)
- 20th Biennale of Sydney, Sydney, Austrália (2016)
- 77th Whitney Biennial, Nova York, EUA (2014)
- 30ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2012)
- *Douze Ans d'Art Contemporain en France*, Grand Palais, Paris, França (1972)
- *Wall Hangings*, The Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (1969)

**coleções selecionadas**

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- National Museum of Art (anteriormente, Museum of Decorative Arts and Design), Oslo, Noruega
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- National Museum of Modern Art, Tóquio, Japão
- Stedelijk Museum, Amsterdã, Países Baixos
- Tate, Londres, Reino Unido

## richard long

n. 1945, Bristol, Reino Unido
Vive e trabalha entre Londres e Bristol, Reino Unido

Desde o final da década de 1960, Long fez da natureza o tema de seu trabalho. Já no início de sua carreira, começa a trabalhar ao ar livre usando materiais naturais que encontrava, como grama e água: um dos primeiros trabalhos, de 1964, consistia em uma bola de neve e o rastro que ela fazia quando rolava. Isso acabou evoluindo para a ideia de se fazer esculturas caminhando. Seu primeiro trabalho nesse sentido foi A Line Made By Walking, de 1967: uma linha reta em um campo de grama registrada como uma fotografia com texto. Suas criações expressas por meio de caminhadas acabaram por incluir a passagem do tempo e do lugar para o campo escultórico, já que suas caminhadas são registradas ou descritas em fotografias, mapas ou textos. Long também coleta vários materiais encontrados no caminho para produzir suas obras, tanto na própria paisagem quanto em galerias. Nas suas palavras: “Estou interessado no poder emocional de imagens simples”, e os materiais que encontra são organizados em configurações como círculos e linhas, que são “atemporais, universais, compreensíveis e fáceis de fazer”.

Em sua poética, as alterações que realiza na paisagem são mínimas. Suas esculturas ao ar livre, sejam elas feitas caminhando ou colocando pedras ou gravetos, deixam uma evidência diminuta de sua presença. O artista trabalhou em algumas das paisagens mais remotas do mundo e, usando os meios mais econômicos, criou um corpo de trabalho que transcendeu as fronteiras internacionais e fala uma linguagem verdadeiramente universal.

**exposições individuais selecionadas**

- *Richard Long,* Rijksmuseum, Amsterdam, Países Baixos (2023)
- *Richard Long: Quantock Wood Circle*, Yale Center for British Art, New Haven, EUA (2022)
- *Richard Long,* Judd Foundation, Nova York, EUA (2016)
- *Richard Long: Time and Space*, Bristol, Reino Unido (2015)
- *Richard Long: Heaven and Earth*, Tate Britain, Londres, Reino Unido (2009)
- *Richard Long: The Path is The Place is The Line,* San Francisco Museum of Modern Art (SFMoMA), San Francisco, EUA (2006)

**exposições coletivas selecionadas**

- 22ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (1994)
- 37ª Bienal de Veneza, Veneza, Itália (1976)

**coleções selecionadas**

- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Centre Pompidou, Paris, França
- The Art Institute of Chicago, Chicago, EUA
- Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão
- Stedelijk Museum, Amsterdam, Países Baixos
- Guggenheim Bilbao Museum, Bilbao, Espanha
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA

## alexandre arrechea

n. 1970, Trinidad, Cuba
vive e trabalha em Nova York, EUA

Durante doze anos, de 1991 a 2003, Alexandre Arrechea atuou como membro do coletivo de artistas cubanos Los Carpinteros junto a Marco Castillo e Dagoberto Rodríguez Sánchez. O grupo caracterizava-se pela criação colaborativa de uma poética ambígua, em que a excelência da execução artesanal dos trabalhos driblava o aspecto crítico das próprias obras ao recusar a forma ideal, ao mesmo tempo que preservava a fidelidade a ela, em um movimento entre essas duas instâncias que fundamentava a releitura dos objetos cotidianos feita pelo grupo. Após sua saída, Arrechea passou a abordar mais diretamente questões políticas de nosso tempo, mostrando sua sensibilidade e atenção à cultura da época.

O caráter interdisciplinar de seu trabalho solo pode ser verificado em proposições que tanto podem ter o caráter participativo, seja em grandes instalações em instituições ou nas intervenções em espaços públicos, ou nas esculturas e delicados desenhos em grafite ou aquarela, mais voltados para a contemplação tradicional. Suas proposições, sempre bem-acabadas, o que denota sua excelência técnica, estão estreitamente ligadas aos contextos em que serão apresentadas. Essa postura demonstra preocupação com o ambiente sociopolítico em que os trabalhos se inserem. A prática de Arrechea se coloca entre o individual e o coletivo, o público e o privado. Esse espaço discursivo é ideal para pensar como regras sociais e comportamentos comunais – baseados nas relações econômicas, raciais e com a cidade – são fundamentais na formação da identidade pessoal e da experiência coletiva.

**clique para ver o cv completo**

**exposições individuais selecionadas**

- *Alexandre Arrechea: Intersected horizons*, Museum of Latin American Art (MOLAA), Los Angeles, EUA (2023)
- *Alexandre Arrechea: Landscape and Hierarchies,* ArtYard, Frenchtown, EUA (2022)
- *Corners*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Higienopolis*, Casado Santapau Gallery, Madri, Espanha (2018)
- *Uninhabited Order*, Fredric Snitzer Gallery, Miami, EUA (2018)
- *La seducción del fragmento*, Palacio de Molina, Cartagena, Espanha (2017)
- *Jerarquias Negadas*, Galeria Habana, Havana, Cuba (2016)

**exposições coletivas selecionadas**

- *El pasado mio: Afrodescendant contributions to cuban art*, Cooper Gallery, Cambridge, EUA (2022)
- *Obsesiones y acumulaciones: el gabinete del artista,* Estudio Figueroa – Vives and the Norwegian Embassy in Cuba, Havana, Cuba (2019)
- *The World's Game: Fútbol and Contemporary Art*, Pérez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA (2018)
- *Construções sensíveis*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Adiós Utopia: Dreams and Deceptions in Cuban Art since 1950*, Walker Art Center, Minneapolis; Museum of Fine Arts, Houston, EUA (2017)
- *Without masks: Contemporary Afro – Cuban Art*, Museo Nacional de Bellas Artes de La Habana, Havana, Cuba (2017)

**coleções selecionadas**

- Daros Collection, Zurique, Suíça
- Museum of Contemporary Art (MOCA), Los Angeles, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Museo del Barrio, Nova York, EUA
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha

## angelo venosa

n. 1954, São Paulo, Brasil
m. 2022, Rio de Janeiro, Brasil

No início da década de 1970 frequentou a Escola Brasil, espaço experimental de ensino de arte. Em 1974, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde estudou na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI-UERJ). Na década de 1980, assiste a cursos livres na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, epicentro da chamada "Geração 80". Venosa se distingue de grande parte dos artistas de sua geração, marcada pela retomada da pintura, por ter se dedicado à escultura. Seus trabalhos em madeira, envoltos por tecido, resina e fibra de vidro, ou compostos por cera de abelha e dentes, evocam volumes incomuns, fundando uma temporalidade ambígua, emanando referências a eras ancestrais. Essa sensação se amplia pela tensão entre as formas e os materiais empregados.

Sobre seus trabalhos, sintetiza o crítico Lorenzo Mammi: "Ainda mais adequado, talvez, para comentar essas obras, seja um trecho de *A montanha mágica*, de Thomas Mann: "O que era, então, a vida?... era uma febre da matéria... Não era nem matéria nem espírito. Era qualquer coisa entre os dois, um fenômeno sustentado pela matéria, tal e qual o arco-íris sobre a queda-d'água, e igual à chama. Mas, se bem não fosse material, era sensual até a volúpia e até o asco."

"A precisão técnica da análise e o prazer artesanal da construção, sempre presentes nos trabalhos de Venosa, concorrem para construir não um objeto, mas um corpo, com todas as ressonâncias de alheamento e ameaça que esse termo possa ter. A mosca acaba incorporando a máquina, ou vice versa, no entanto, no resultado final, a vida permanece como um ruído surdo, irredutível, inquietante."

**clique para ver o cv completo**

**exposições individuais selecionadas**

- *Angelo Venosa,* Nara Roesler, Nova York, EUA (2024)
- *Angelo Venosa: Escultor*, Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Angelo Venosa,* Nara Roesler, Nova York, EUA (2024)
- *Angelo Venosa: Escultor,* Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- Projeto Clareira, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) (2021), São Paulo, Brasil
- *Catilina*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Penumbra*, Memorial Vale, Belo Horizonte, Brasil; Museu Vale, Vila Velha, Brasil (2018)
- *Angelo Venosa: Panorama*, Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife (2014); Palácio das Artes, Belo Horizonte (2014); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo (2013); Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012)

**exposições coletivas selecionadas**

- *Fullgás: Artes Visuais e Anos 1980 no Brasil,* Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Em polvorosa – Um panorama das coleções do MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2016)
- *30 x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *From the Margin to the Edge: Brazilian Art and Design in the 21st Century*, Sommerset House, Londres, Reino Unido (2012)
- *MAM 60*, Oca, São Paulo, Brasil (2008)
- 5ª Bienal do Mercosul, Brasil (2005)
- 45ª Bienal de Veneza, Itália (1993)
- 19ª Bienal de São Paulo, Brasil (1987)

**coleções selecionadas**

- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

## xavier veilhan

n. 1963, Lyon, França
vive e trabalha em Paris, França

Desde meados dos anos 1980, Xavier Veilhan cria um aclamado conjunto de trabalhos que transita entre escultura, pintura, instalação, performance, vídeo e fotografia. Sua prática se define pelo interesse tanto pelo vocabulário da modernidade (velocidade, movimento, vida urbana etc.) quanto pela estatuária clássica, à qual ele agregou sua própria reinterpretação contemporânea. Seu trabalho é uma homenagem às invenções e aos inventores de nosso tempo por meio de uma linguagem artística que mistura os códigos da indústria e da arte. Veilhan agencia uma variedade de técnicas e materiais para produzir retratos tridimensionais e paisagens, bestiários e arquiteturas que oscilam entre o familiar e o extraordinário.

Para o artista, arte é "uma ferramenta visual através da qual devemos olhar para entender nosso passado, presente e futuro". Suas exposições e intervenções *in situ* em cidades, jardins e casas questionam nossa percepção ao criar um envolvente espaço ambulatório no qual a plateia se transforma em participante ativo. Sua estética revela um contínuo de forma, contorno, fixação e dinâmica que convida o espectador a uma nova leitura do espaço e, assim, da criação de um repertório completo de sinais, o teatro da sociedade.

**clique para ver cv completo**

**exposições individuais selecionadas**

- *Parcours*, Instituto Artium, São Paulo, Brasil (2024)
- *Assemblée*, 313 Art Project, Seoul, Coreia do Sul (2024)
- *Xavier Veilhan,* Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2022)
- *Plus que pierre*, Collégiale Saint-Martin, Angers, França (2019)
- *Romy and the Dogs*, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), Lisboa, Portugal (2019)
- *Nuit Studio Venezia*, Musée de la Musique, Cité de la Musique, Paris, França (2018)
- *Xavier Veilhan, Yuksek, Caterina Barbieri & Carlo Maria, Le Comte, Jonathan Fitoussi – Cine-concert*, Le Lieu Unique, Nantes, França (2018)
- *Reshaped Reality: 50 years of Hyperrealist Sculpture*, Museo de Bellas Artes de Bilbao, Bilbao, Espanha (2016)
- *Cedar*, Andrehn-Schiptjenko, Estocolmo, Suécia (2015)

**exposições coletivas selecionadas**

- *Tout l'univers,* TNB Rennes, Rennes, França (2023)
- *Humain, animal: se reconnaître,* Musée de L'abbaye, Saint Claude, França (2022)
- *Kinetismus: 100 years of Art and Eletricity,* Kunsthalle, Praga, República Tcheca (2022)
- *Rêve Électro*, Musée de la Musique, Cité de la Musique, Paris, França (2019)
- *Calling for a New Renaissance*, Joakim & Xavier Veilhan, Villa Aperta 8, Villa Medici (2018), Roma, Itália
- *Suspension – A History of Abstract Hanging Sculpture 1918–2018*, Olivier Malingue, Londres, Reino Unido; Palais d'Iéna, Paris, França (2018)
- *Botticelli Reimagined*, Victoria & Albert Museum, Londres, Reino Unido (2016)
- 57ª Bienal de Veneza, Itália (2017)

**coleções selecionadas**

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Fondation Ilju, Seul, Coréia do Sul
- Musée d'Art Contemporain de Montréal, Montréal, Canadá
- Phillips Collection, Washington, EU

## jose dávila

n. 1974, em Guadalajara, México, onde vive e trabalha

Há mais de vinte anos Jose Dávila tem atuado principalmente no campo da escultura, criando trabalhos em que diferentes materialidades são articuladas em arranjos precários. Seus trabalhos, também se desdobram na produção de imagens em diferentes mídias como o desenho, a pintura e a gravura. O equilíbrio, alcançado a partir do agenciamento da energia gravitacional, é um dos principais métodos composicionais do artista, assim como a serialidade e o empilhamento, gerando formas que criam tensões não só visuais, mas físicas. A aparente instabilidade de suas peças instaura um estado de atenção que apura nossa percepção do espaço, também posta em cheque ao nos conduzir a encarar os elementos empregados em sua construção sob diferentes perspectivas, observando como são capazes de fazer coexistir a brutalidade e a fragilidade, a forma orgânica e forma artificial, a organização e o caos, a ameaça e o convívio.

A prática de Dávila se baseia em abordagem original das propriedades fundamentais do meio escultórico, tais como peso, densidade, forma, solidez, volume e massa. A esses aspectos somam-se as características das próprias matérias, que podem ser empregadas em estado bruto, como rochas, ou após terem passado por processos industriais, como estruturas de metal, concreto e vidro, fazendo do trabalho do artista o resultado expressivo da vontade construtiva humana. Articulando diferentes objetos, muitas vezes com auxílio de cordas e fios, ou apoiando-os um nos outros, o artista dá protagonismo às forças físicas, explicitadas pela relação de dependência entre as formas e fazendo-nos notar os diversos ritmos propostos pelas dinâmicas e tensões internas à sua configuração.

**clique para ver o cv completo**

**exposições individuais selecionadas**

- *Natural Forms*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2026)
- *Las Piedras Saben Dormir,* EstaciónMAZ - Museo de Arte de Zapopán, Zapopán, México (2025)
- *El pasado nunca es el mismo*, Casa Wabi, Puerto Escondido, México (2024)
  *Um pirata, um poeta, um peão e um rei,* Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Las piedras saben esperar,* Centro Internazionale di Scultura, Peccia, Suíça (2021)
- *Directional Energies,* Dallas Contemporary, Dallas, EUA (2020)
- *Pensar como una montaña,* Museo Amparo, Puebla, México (2019)
- *Non tutti quelli che vagano sono persi,* Museo del Novecento, Florença, Itália (2018)
- *Die Feder und der Elefant,* Kunsthalle Hamburg, Hamburgo, Alemanha (2017)
- *Jose Dávila: The Object and the Environment,* Jumex Museum, Cidade do México, México (2016)

**exposições coletivas selecionadas**

- 16ª Bienal de Lyon, França (2022)
- 22ª Bienal de Sidney, Austrália (2020)
- 13ª e 12ª Bienal de Havana, Cuba (2019 e 2017)
- *Walking Through Walls,* Gropius Bau, Berlim, Alemanha (2019)
- *Cher(es) ami(e)s,* Centre Georges Pompidou, Paris, França (2016)
- *Panorama. Foreigners everywhere,* Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2009)
- *Eco. Mexican Contemporary Art,* Museo Nacional Centro de Artes Reina Sofia (MNCARS), Madri, Espanha (2005)

**coleções selecionadas**

- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Pérez Art Museum, Miami, EUA
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Hamburger Kunsthalle, Hamburgo, Alemanha

## marco maggi

n. 1957, Montevideo, Uruguai
vive e trabalha em Nova York, EUA

A presença do papel e o caráter intimista são duas constantes na produção de Marco Maggi, mesmo em suas grandes instalações. Desde a consolidação de sua carreira, na década de 1990, ele estimula o espectador, de forma espirituosa e delicada, a diminuir o ritmo cotidiano e observar com vagar, prestar atenção e se aprofundar em suas obras, na vida ao seu redor e na sociedade em que se vive. Nas palavras do curador Adriano Pedrosa, o artista "finca trincheiras no embate com a velocidade".

Na série *The Ted Turner Collection – from CNN to the DNA*, Maggi demonstra senso crítico apurado, usando reproduções de obras de artistas como Gerhard Richter, Andy Warhol e Hélio Oiticica para comentar a condição midiática da vida atual. Pilhas de papel em branco cobrem reproduções e, filetadas com precisão, criam relevos e aberturas que revelam traços da imagem oculta, formando uma grande paisagem branca com pequenas aberturas de cor. Suas instalações também fazem uso do papel, mas as numerosas pilhas, à distância, não revelam sua natureza; é preciso se aproximar, ter certa intimidade com as obras, dedicar-lhes algum tempo para descobrir o que revelam.

**clique para ver o cv completo**

**exposições individuais selecionadas**

- *La Economía de la Atención,* Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brasil (2025)
- *A Sociedade Subatômica*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2025)
- *O papel é inocente*, Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil (2018)
- *Putin's Pencils*, Sicardi Gallery, Houston, EUA (2017)
- *Lentissimo*, Vassar College, Nova York, EUA (2014)
- *Piano Piano*, Espacio Monitor, Caracas, Venezuela (2016)
- *Functional Desinformation: Drawings in Portuguese*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2012)
- *Optimismo Radical*, NC Arte, Bogotá, Colombia (2012)

**exposições coletivas selecionadas**

- *Movement: The Legacy of Kineticism,* Dallas Museum of Art (DMA), Dallas, EUA (2022)
- *Reflections on Time and Space,* Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2019)
- *Art_Latin_America: Against the Survey,* Davis Museum at Wellesley College, Wellesley, EUA (2019)
- *Latinoamérica: volver al futuro,* Museo de Arte Contemporáneo de Buenos Aires (MACBA), Buenos Aires, Argentina (2018)
- *Tension and Dynamism,* no Atchugarry Art Center, Miami, EUA (2018)
- *Paper into Sculpture,* no Nasher Sculpture Center, Dallas, EUA (2017)
- 56ª Bienal de Veneza, Itália (2015)
- 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003)
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

**coleções selecionadas**

- Art Institute of Chicago, Chicago, EUA
- Walker Art Center, Minneapolis, EUA
- Daros Foundation, Zurique, Suíça
- San Francisco Museum of Modern Art (SFMoMA), San Francisco, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA
- Museum of Contemporary Art, Los Angeles, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA

nara roesler

50

**são paulo**
avenida europa, 655
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

**rio de janeiro**
rua redentor, 241
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

**new york**
511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art
www.nararoesler.art